

/ Em Paris /

*R*AMALHO *O*RTIGÃO



ESFERA DO CAOS
EDITORES

/ Título /

Em Paris

/ Autor /

Ramalho Ortigão

**/ Direitos Reservados /
para Actualização Ortográfica**

© Esfera do Caos Editores Lda

/ Design /

Flukstudio

/ Impressão e Acabamento /

Papelmunde SMG Lda

/ Depósito Legal /

XXXX

/ ISBN /

989-8025-07-7

1ª Edição

2006

ESFERA DO CAOS EDITORES LDA

Campo Grande

Apartado 52199

1721-501 Lisboa

esfera.do.caos@netvisao.pt

/ ÍNDICE /

Prólogo em viagem	7
No asfalto parisiense	15
Uma visita a Ferdinand Denis	47
O doutor Véron – O necrológio – Os cabeças de turco	55
Jantares e Jantantes	65
A parisiense	105
Ponson du Terrail	139
O «petit crevé»	147
A mocidade	155

/ Prólogo em viagem /

*/ **L**eitor amigo: – Tu, que a estas horas do mais ameno Outono estendes a polaina branca pela formosa várzea de Colares, ou passeias os teus consolados nervos à beira-mar, pelas praias do Tejo ou pela foz do Douro, quem sabe se serás por mim!*

Hoje em dia um viajante que se não apeie dum balão com notícias da lua, precisa de nos ser muito simpático para o não termos por um sensaborão quando vier contar o que viu. Este mundo está visto e revisto. A electricidade e o vapor tornaram toda a redondeza do globo terrestre tão compreensível como a circunferência duma tangerina que a gente atravessa com um palito e mete na algibeira ao acabar de jantar. O Bois de Boulogne, o Hyde Park, o Prater, o Prado, o Corso e o Pincio não há quem os não tenha percorrido, querendo, quase tantas vezes como as ruas do seu quintal. Os museus de Espanha, os castelos das margens do Reno, as ruínas de Roma, os palácios de Veneza, as fábricas de Manchester, os hotéis de Nova Iorque e os teatros de Paris são tão conhecidos de todos nós como as nossas chinelas de trazer no quarto e o nosso barrete de dormir.

A primeira obrigação de um viajante bem-educado, ao regressar de algum país sublunar, é conversar em modo que se lhe não perceba nem o intuito mais remoto de querer leccionar alguma coisa a quem o ouve ou a quem o lê. Para aprender lá temos as cartas de guia dos viajantes nos museus, nas bibliote-

cas, nos arsenais, nos jardins, nos palácios, nas oficinas, nos teatros, nos passeios e nas ruínas; temos, além disto, o periódico que nos traz notícias de todos os dias; temos o telégrafo para perguntar de cinco em cinco minutos o que há de novo; temos finalmente o caminho-de-ferro para ir dentro de algumas horas confirmar uma opinião ou desfazer uma dúvida. Os viajantes com quem se possa aprender têm ordinariamente o defeito de chegar tarde, e isso os torna importunos.

Ora eu devo dizer que nunca tive nem terei jamais a mais leve ideia de ensinar a mínima coisa ao ínfimo dos viventes a quem transmitir uma folha das minhas peregrinações por esse mundo.

Proponho-me singelamente conversar com a despresunção plena de quem não tem compromissos nenhuns para ser embiocado e sorna, um sujeito que nunca foi empregado público nem pretendeu ser deputado, um periodista de profissão, mau literato, mas mais literato do que outra coisa, contente do seu ofício, alegre da sua vida, orgulhoso da sua independência, desgraçado às vezes por bem pouco, feliz quase sempre com muito pouco também – com um bom sol descoberto, um céu azul, umas árvores verdes, a saúde no corpo, a paz na alma e a liberdade no coração.

Voluntariamente separado por algum tempo do que mais amo, viajo de quando em quando, sozinho com a minha alegria de estar solto no mundo, isento de todos os preceitos da existência regular, dando em cada dia à vontade o alvedrio de erguer a asa, como o cisne que se deixa vogar osculado pela aragem da tarde na amplidão de um lago.

Não me afronta a curiosidade dos sábios nem a ostentação dos ricos: leva-me unicamente esse risonho e encantador fantasma de pezinho leve, de olhar travesso e de tentador sorriso – isso que se denomina a mocidade, e que às vezes nos ilude meigamente durante a existência inteira com uma bagatela,

com um dito, com um olhar que nos deita, com uma flor que nos dá, com um beijo que nos promete.

Ela, a risonha fada dos vinte anos, sorri-nos sempre entre as flores dos seus jardins eternos, mostra-nos, entre as amendoeiras de flor branca e as balsaminas azuis, os ombros nus, a cintura requebrada e fina e o pé pronto para a valsa, para esta valsa deliciosa, arrebatadora, irresistível que todos os rapazes ouvem e sentem dentro de si a convidá-los para um baile, invisível mas adivinhado, que, em alguma parte deste mundo ou do outro, deve estar por força a esperar por eles.

Esse convite é como um trasbordamento do coração, uma ejaculação interior, que nos adormenta e paralisa por instantes para a vida correlativa. É o que quer que seja que de repente desperta e rebole dentro de nós, cantando e bailando com as nossas recordações e as nossas esperanças no seio da nossa alma; uns clarões de íntima juvenilidade que enrugam e franzem de velhice o aspecto de tudo quanto ordinariamente nos cerca. É como um rebate de castanholas, como um frémito de pandeiros, como a serenata que se ouve ao longe, alada pela brisa das noites de Verão, impregnada do perfume penetrante dos laranjais em flor. É a mística melodia da nossa lira interior, cujas cordas soluçam como as da harpa eólia, bafejadas pela viração de umas saudades vagas e inexprimíveis.

É nestes lapsos de acre e deliciosa introversão para o íntimo éden dos nossos sonhos, que nós caímos numa espécie de morbidez moral, que os outros não sabem se é a meditação, a abstracção ou o tédio. Nós sabemos que nada disso é, ou antes que talvez seja tudo isso junto. É a insolação do espírito, durante a qual os olhos percorrem sucessivamente as páginas de um livro, cuja leitura maquinal se não cõa dos olhos para dentro, ou que a gente se esquece horas e horas inúteis defronte do fogão do quarto com os cotovelos fincados nos joelhos e a frente nas mãos, fitando, como quem interroga sem saber para quê, o cintilar das faúlhas e o trepidar das chamazinhas cor-de-

-rosa e azuis, que saltitam esmorecendo e revigorando em redor das brasas.

Vem um belo dia em que esta visão, esta miragem, este sonho, esta febre, esta doença, pode mais que nós. A vida habitual pesa no nosso espírito como o trambolho no pé de uma galinha, dilatam-se-nos os pulmões, tresdobra-nos a vida, falta-nos o ar em nossas casas, falta-nos a água nas nossas fontes, falta-nos o espaço nas nossas ruas. A cidade então é pequena e o passeio é pouco. Quer-se a viagem, a liberdade, a largueza da terra, a vastidão do mar e a amplidão do céu – o mundo! Não há outro remédio nestes casos senão fazer o que eu fiz: arranjar a mala e partir.

Para onde? para qualquer parte. Para quê? para voltar depois, porque se volta melhor do que se foi; mais instruído, nem sempre; mais ensinado, sim. Pode-se não aprender nada novo, mas fica-se sabendo melhor o que já se sabia dantes.

E depois, no regresso, o prazer de chegar... Que há aí no mundo que se lhe compare? O nosso quartozinho, visto de longe, ou de longe imaginado, entre os montes e as árvores da pátria, no aconchego da família, da paz e do trabalho, parece-nos um ninho de amor e de poesia, o palácio dum rei independente e pequenino. As cabecinhas loiras dos nossos filhos solicitam todos os nossos beijos. A mão da nossa mulher ou da nossa mãe parece-nos a mais nobre e leal mão que se pode apertar na terra. Ao meio-dia, à sombra das árvores do nosso jardim, à noite, ao pé do nosso fogão, figura-se-nos estar à nossa espera o melhor remanso da vida. E todas estas recordações têm um ar de santidade, aureoladas, como elas nos aparecem cá fora, pelo melancólico e puro esplendor da saudade.

Saudade! amorável e querida vingança dos que ficam! santo penhor da volta! Quando um homem deixa a família e a pátria, a mãe, se o abraça, ao dar-lhe a última bênção, põe-lhe ao peito o crucifixozinho das suas orações, que ela trouxe sem-

pre no seio; Deus, se o vê, põe-lhe no coração a saudade, que eu creio que vem também do seio dele.

Aqui então, no mar, onde agora me encontro, todos os sentimentos bons se fazem melhores, e tudo quanto é ruim ou mesquinho se nos esvai a pouco e pouco de dentro quando a alma se emprega nesta refrigerante contemplação da onnipotência e do infinito. Que viaje por terra quem leva pressa compreende-se, mas que deixe de viajar por mar quem só procura nas viagens o que elas têm de comovente para o coração e de mordente e corrosivo para a ferrugem da vida — não se entende nem se admite. Um navio que se faz ao largo é um pedaço de mundo que se despega do continente e do seu burburinho de paixões e de misérias para vogar no seio puro da natureza, consigo só, e com Deus. A intuspecção a que algumas vezes nos leva a tristeza, a saudade, ou a mágoa, essa concentração, esse íntimo exame de nós mesmos, em que nos sentimos recair com uma espécie de dor voluptuosa, com um prazer pungente, depois dos maiores e mais decisivos abalos do espírito, esses solilóquios da nossa alma, quando furtada a toda a comunicação de fora, a solidão finalmente, a verdadeira solidão, que é no ermo às vezes onde se encontra menos, a suave solidão da qual dizia Garrett:

*De vez em quando, lá quando a alma o pede,
Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida;*

a solidão que a gente para si mesma edifica, œdificare solitudines; o santo prazer da solidão, bálsamo celestial de tantas dores, que ninguém sonda, e que nenhuma palavra, nenhum afago, nenhum mimo adoça — procurai-o no mar. Ele vo-lo dará como o coração vo-lo pede. Ele, que conhece o segredo de transformar em pérola uma gota de água, sabe do mesmo modo cristalizar a dor, convertendo-a na melancolia.

O interior das florestas e as largas planuras medidas com a vista do píncaro dos montes são também espectáculo igual-

mente solene, mas não produzem tão perfeitamente o recolhimento de que eu falo, e que eu tanto estimo, como o singelo aspecto do céu e das águas do mar largo. No fim duma tarde serena, à hora do crepúsculo, quando nos montes se ouve o chilrear das aves na espessura dos arvoredos, o sino das Ave-Marias, o gemer dum carro ao longe, o latir do cão dos pegureiros ou os chocalhos do gado que desce a pino a encosta ou atravessa a vau a represa orlada de castanheiros, nesse momento não ouvir no mar senão o arquear profundo e monótono das vagas e não ver outra coisa, além da imensidade do firmamento e da imensidade da onda, senão a cortina de nuvens doiradas no horizonte pelo sol poente, movediço panorama de fantásticos mundos que sucessivamente se fazem, se desfazem, se refazem e se aniquilam com um sopro que os governa! É então que nos navios da marinha francesa se procede a uma comovente cerimónia: iça-se um galhardete ao som dum tiro de peça, o capelão sobe ao tombadilho, acompanhado do oficial da guarda, o oficial dá a voz de sentido à guarnição enfileirada ao longo do convés; o padre, vestido de batina, com uma cruz pendente do pescoço, mete debaixo do braço o seu chapéu, persigna-se, ergue as mãos, e, no meio do silêncio entrecortado apenas pelo embate da água na amurada e pelo sibilar do vento nas enxárcias, reza em voz alta um Padre-Nosso e umas Salve-Rainha, persigna-se outra vez, desce do lugar a que subiu, dispersa-se a tripulação, arreia-se o galhardete, e prossegue a viagem.

A tal hora, estando-se a bordo, sentar-se a gente na tolda e principiar a conversar com o seu coração, com o seu passado e com o seu futuro diante desse espectáculo único, é cair um homem verdadeiramente em si, e sentir-se mais homem que nunca. Nem conhece o que é de bom estar só quem nunca esteve só dessa maneira!

Não sei se o aspecto do mar produz em todos o efeito que me faz a mim: eu remoço-me na contemplação das ondas.

Adelgaça-se com a rispidez destes ares o véu dos meus cuidados; desencrava-se-me do coração o espinho das lembranças tristes e dos tristes pressentimentos; esqueço-me dos que me não querem bem, e não me lembro do mal que me pode vir. De uns pequenos desgostos de ter vivido desforro-me com o simples prazer de me achar vivo. Assim me consolo e me vingo.

Precisava de dizer isto para não enganar ninguém, que esperasse mais ou melhor de mim. Eis aí está em que disposição de ânimo e em que intuito de espírito eu vou desembarcar no Havre e seguir de lá para Paris.